

O VERDADEIRO CÓDIGO DA VINCI: O AUTOR E AS VERTENTES DE SUAS OBRAS

Pedro Paulo Rosemberg da Silva Oliveira

RESUMO

Por meio da bibliografia escrita por Walter Isaacson sobre Leonardo Da Vinci, brevemente tentaremos abordar as razões que fizeram com que o livro e o filme que se intitulam *O Código Da Vinci* fizeram tanto sucesso, sendo utilizados por conceitos como intertextualidade, intermedialidade e metalinguagem, perpassando pela complexa história do gênio renascentista Leonardo da Vinci, o Florentino. Como textos teóricos foram utilizados CLÜVER, POSNETT e os Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura, nº 8, de 1982. Fica determinado a tamanha colaboração de Da Vinci para ambas as obras, que desde seu desenvolvimento, contou com trabalhos e exemplos deles para sua execução.

Palavras-chave: Leonardo da Vinci. O Código da Vinci. Walter Isaacson. Ron Howard. Dan Brown. Blythe Brown. Intermedialidade. Intertextualidade.

1. INTRODUÇÃO

1.1 O VERDADEIRO CÓDIGO

O livro *O Código Da Vinci*, escrito por Dan Brown e publicado pela primeira vez em 2003, alia realidade e ficção, uma vez que diversas organizações e locais que existem na realidade são mencionados na obra, de forma a convencer, instigar e orientar o aprofundamento, no que tange as abordagens realizadas na obra. Após três anos de sua publicação, o livro sofreu uma adaptação, sendo incorporado às telas de cinema em 2006, sob a direção de Ron Howard.

Desde então, tanto o livro quanto o filme tornaram-se sucessos absolutos, principalmente por utilizar temas que são discutidos em diversas esferas da sociedade, como conspirações globais, temas polêmicos, assuntos religiosos, mistérios e arte, com o famoso

Leonardo da Vinci, pintor, escultor, escritor, desenhista, matemático, arquiteto, engenheiro, cientista e pesquisador autodidata.

1.2. A HISTÓRIA DO FLORENTINO

Ao ouvir seu nome, qualquer pessoa, provavelmente, sabe quem é que estamos falando. Leonardo Vinci, o Florentino, comumente conhecido como Leonardo da Vinci, nasceu no século XIV no vilarejo de Vinci, na Itália. Filho de *Ser Piero da Vinci*¹ e *Caterina Lippi*², tornou-se o grande escritor, pintor, cientista e estudioso, graças ao fato de que foi um filho abastado, já que não foi enviado para as “*Escolas de Latim*” para exercer a profissão do pai, “podendo se beneficiar do instinto de fazer anotações entranhado em sua herança familiar ao mesmo tempo que desfrutava de liberdade para correr atrás de suas próprias paixões criativas” (ISAACSON, 2018).

Leonardo, à procura de novos exemplos para pintar e trabalhos diversos, se mudou inúmeras vezes, passando de 1452 a 1464 em Vinci, de 1464 a 1482 em Florença, de 1482 a 1499 em Milão, de 1500 a 1513 em Milão novamente, de 1513 a 1516 em Roma e, por fim, de 1516 até sua morte, em 1519, na França. Por suas incríveis capacidades, Leonardo tornou-se amigo de personalidades célebres, como:

Ludovico Sforza (1452-1508), Governador *de facto* de Milão, duque de Milão e patrono de Leonardo; Andrea del Verrocchio (1435-1488), escultor florentino e ourives em que Leonardo trabalhou em seu ateliê e; Nicolau Maquiavel (1469-1527), diplomata e escritor florentino, embaixador de César Bórgia e amigo de Leonardo (ISAACSON, 2018, p. 10-11).

Como mencionado por Isaacson no Capítulo 17, Leonardo tinha a incrível capacidade de mistura fantasia e realidade:

¹ Ser **Piero da Vinci** (1427-1504), tabelião florentino, não chegou a casar-se com a mãe de Leonardo. Como exercia a profissão de Tabelião, tinha o direito de usar o título honorífico de “*Ser*”.

² **Caterina Lippi** (1436-4193), camponesa órfã, morava próximo do vilarejo de Vinci e casou-se com Antonio di Piero del Vaccha, conhecido como Accattabriga.

Este, em poucas palavras, era o principal talento de Leonardo: a habilidade de traduzir, em um misto de observação e imaginação, não apenas as obras da natureza, mas também as coisas infinitas que a natureza jamais criou. (ISAACSON, 2018, p. 288).

1.3. DIRECIONAMENTO TEÓRICO

A partir do delineamento realizado nos tópicos anteriores, podemos iniciar a análise dos objetos supracitados (livro e filme *O Código Da Vinci*), utilizando os textos de CLÜVER, POSNETT e os Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura, nº8, de 1982. Procuraremos responder questões acerca da genialidade de Da Vinci, utilizada e mencionada nas obras, bem como. A abordagem, delineada pelos aspectos intertextuais e intermediáticos entre ambas as obras é indiscutível, visto que fazem parte de uma adaptação da outra – livro adaptado para o cinema. Ademais, como complemento, será discutido os possíveis fatores que corroboraram para ambas as obras tornarem-se tão conhecidas mundialmente.

1.4. DEFINIÇÃO DOS CONCEITOS-CHAVE

Para a delimitação teórica sustentar-se aos objetivos propostos, será necessário definirmos conceitos que nos ajudarão a compreender melhor o que será abordado e como, portanto, assumimos que: **fantasia** é uma obra ou criação da imaginação, na qual utiliza-se de aspectos não reais ou que se sustentem apenas através da não-utilização de leis científicas ou naturais; **intertextual** sendo a relação explícita entre textos, havendo uma citação explícita entre eles; **intermediática** é a relação explícita entre duas mídias que se interagem ou que de alguma maneira, conversam; **metalinguagem** é a relação linguística entre uma ou mais línguas e/ou objetos.

2. ANÁLISES

2.1. CLASSIFICAÇÃO DAS OBRAS

2.1.1. Livro - Romance ficcional do gênero suspense, perpassa em diferentes locais temporais e geográficos, trazendo através, apenas do texto (escrita e imagem), os sentimentos

que dele emanam, por meio do sentido visual e da *ânima*³. Possui uma narrativa em terceira pessoa com narração que sabe o que os personagens sentem e pretendem fazer, auxiliando e descrevendo em detalhes a linha de raciocínio dos mesmos.

2.1.2. Filme - Objeto audiovisual de cunho midiático-ficcional, do gênero suspense, com momentos artístico-historiográficos. O narrador é em terceira pessoa, no entanto ele permite que o observador interprete o que os personagens estão sentindo.

2.2. RELAÇÕES INTERTEXTUAIS

A relação intertextual entre ambos os objetos dar-se-á de forma incompleta, uma vez que a forma na qual a mensagem é passada no filme é audiovisualmente, utilizando-se de livros, imagens, obras escriturísticas e esculturas; enquanto que, no livro ocorre exclusivamente de forma escrita e imagética.



³ Sentimento da 'anima', alma que emana de objetos artísticos ou do autor.

Figura 1 - *Virgem dos rochedos* (segunda versão, National Gallery, Londres) e Figura 2 - *Virgem dos rochedos* (primeira versão, Louvre)

2.3. RELAÇÕES INTERMIDIÁTICAS

Ambas as obras possuem ampla veiculação de informação sócio-cultural, reunindo-nas, muitas vezes, de formas condizentes com a historiografia utilizada por Isaacson (2018).

2.4. RELAÇÕES METALINGUÍSTICAS

A linguagem que foram utilizadas variam entre idioma/língua, variação temporal, texto/visual, audiovisual, imagética e técnica, visto que, podemos dizer que há a incorporação de termos altamente técnico-teóricos em ambos, sendo muitas vezes descritas para que o observador/leitor compreenda.

Quadro 1 - Esquema exemplificativo entre a utilização da linguagem e dos sentidos nas obras

OBRA	DESCRIÇÕES
Pinturas, desenhos, textos e esquemas visuais.	Conteúdo rico em simbologias e cargas emocionais, voltado [quase sempre] para o debate entre os dogmas religiosos e a razão da consciência humana – Sentidos predominantes: visão, olfato e tato.
Textos e símbolos	Conteúdo textual e simbólico, rico pela utilização do imaginário do leitor [receptor] que constrói e delimita o que o autor escreve – Sentidos predominantes: visão [sutilmente, o tato e o olfato].
Material audiovisual	Conteúdo exemplificativo e descritivo, já que compõe para o receptor exatamente o que se pretende que seja visto e compreendido; a interpretação ainda pode variar de acordo com o receptor – Sentidos predominantes: visão e audição.

Fonte: Autor.

2.5. DIALÉTICA DA ARGUIÇÃO DO GOSTO POPULAR

Dentre as argumentações mais convincentes para o gosto das massas pelas obras analisadas, observa-se a utilização de conspirações globais, de cunho fantasioso e ficcional, para entreter e fazer com que a obviedade seja quebrada. Leonardo da Vinci era conhecido

pela sua irreverência e pensamentos à frente do seu tempo, utilizando diversas referências apócrifas para referir-se às entidades e personagens sacros. Exemplo disso seria a *Virgem dos Rochedos*, pintada originalmente para a Confraria da Imaculada Conceição, em duas versões, mostrando a Virgem Maria, João Batista, Jesus Cristo e um anjo, mostrando uma cena que referia-se, segundo Isaacson (2018, p. 249), “ao encontro da Família Sagrada com João Batista no caminho do Egito, quando fugiam de Belém após o Rei Herodes ter ordenado o Massacre dos Inocentes”. O fato de que Leonardo da Vinci fazia desempenhava diversas atividades de forma magistral, o tornou mundialmente conhecido, *genius*⁴, como no latim.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo sido explanadas ideias simples acerca de como Leonardo Da Vinci participou de suas obras, podemos observar as formas pelas quais sua participação teve importância, já que a aura das obras-objeto supracitadas constituem-se justamente através do sentido “genialesco” do autor. Tendo em vista ainda a forma na qual ele [Da Vinci] pesquisava e estudava suas musas⁵, tratando-as não só como maquetes ou mero esboço figurativo/exemplificativo, mas sim, colocando vida, dando luz e principalmente, seu toque surreal nas mesmas, destacando o jogo de luzes e sombras que outros artistas não conseguiam.

Ademais, como tanto Dan Brown (autor do livro), quanto Ron Howard (diretor do filme), introduziram em suas obras certos emblemas próprios de Da Vinci – tons escuros, a razão versus o dogma religioso e, obviamente, as teorias conspiratórias – tão presentes em suas obras. Há de se pensar ainda que, como a historiografia medita sobre as obras, pensa-se que o afluentes de intertextualidades estão, respectivamente, Da Vinci, Dan Brown e Ron Howard (pinturas e esquemas visuais, livro e filme), percebe-se também, uma elevação da complexidade e das linguagens utilizadas para demonstrar as ideias que se devem/querem passar.

Por fim, considera-se, visto tudo que foi apresentado, que as obras de Da Vinci serviram não só como experimentações para as obras subsequentes, tendo sido baseadas, mas também como vitrine, pela fama do Florentino que, se assim não o fosse, talvez, as conspirações

⁴ **Genius** s.m. - o gênio, divindade titular que acompanhava o homem do nascimento à morte; protetor de um lugar, de uma coisa; anfitrião. O gênio protetor do lugar, o anfitrião do lugar.

⁵ Ideias, formas e pessoas que Leonardo Da Vinci utilizou como esboço ou modelo de suas obras.

citadas nas mesmas não fariam sentido e não seriam debatidas pela comunidade científica internacional que debate certos temas e vontades explicitados pelo autor de Vinci, mas que não são tão óbvios assim.

REFERÊNCIAS

Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura, nº8, 1982, p.117-128. Disponível em:
<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cltl/article/view/9886>

CLÜVER, Clauss. “Intertextus, interartes, intermídia”. In: Revista Aletria, v.14 –
jan./jul/2006. Disponível em:
<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1357/1454>

ISAACSON, Walter. *Leonardo da Vinci*. Tradução de André Czarnobai. 2. ed. Rio de Janeiro:
Intrínseca, 2018.

POSNETT, Hutcheson M. “O método comparativo e a literatura” (Trad. Sonia Zyngier). In:
CARVALHAL, Tania Franco; COUTINHO, Eduardo. (org) *Literatura comparada: textos
fundadores I*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 15-25.

ROTEIRO

1. Objetos de Análise:

Livro *O código Da Vinci*, do autor Dan Brown (Objeto literário) e o Filme *O Código Da Vinci*, do diretor Ron Howard (objeto midiático: cinema).

2. Tema e Objetivos:

Apresentar as relações intertextuais, intermediáticas e dependência entre realidade e ficção.

Demonstrar a importância de Leonardo Da Vinci para o desenvolvimento de ambos os objetos de análise.

São objetivos específicos mostrar as participações de Leonardo da Vinci através de sua história e demonstrar sua influência nas obras.

3. Conceitos teóricos:

POSNETT, Hutcheson M. “O método comparativo e a literatura” (Trad. Sonia Zyngier). In: CARVALHAL, Tania Franco; COUTINHO, Eduardo. (org) *Literatura comparada: textos fundadores I*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 15-25.

Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura, nº8, 1982, p.117-128.

Disponível em:

<http://www.periodicos.lettras.ufmg.br/index.php/cltl/article/view/9886>

CLÜVER, CLAUSS. “Intertextus, interartes, intermídia”. In: *Revista Aletria*, v.14 – jan./jul/2006. Disponível em:

<http://www.periodicos.lettras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1357/1454>

O recorte teórico escolhido aproxima-se do que irei abordar.

4. Resumo do trabalho:

Através da história apresentada por Walter Isaacson na biografia escrita sobre Leonardo da Vinci, iremos analisar as obras *O Código Da Vinci*, livro e filme, ambos de mesmo nome. Será apresentada as relações intertextuais, intermediáticas e a dependência entre a realidade e a ficção, demonstrando a importância de Da Vinci para o desenvolvimento de ambos objetos de análise, bem como suas participações através de sua história e influência. Como conceitos teóricos, serão utilizados os textos de Clauss Clüver, Hutcheson Posnett e os Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura (nº 88) e, como aparato auxiliar, o livro *Leonardo Da Vinci*, de Walter Isaacson, com tradução de André Czarnobai.

5. Link em PDF:

https://drive.google.com/file/d/16BOwgLDrLIg_7RKeO8_naOK6Ad6_9IdU/view?usp=sharing